



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO  
CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA

ADRIELE DA SILVA DOS SANTOS  
SUZANE DA SILVA E SILVA

**A RELAÇÃO ENTRE AGROECOLOGIA E CULTURA POPULAR:** nas  
comunidades tradicionais do rio Acaráqui e Camurituba-beira, localizadas em abaetetuba-PA

ABAETETUBA - PA  
2025

ADRIELE DA SILVA DOS SANTOS  
SUZANE DA SILVA E SILVA

**A RELAÇÃO ENTRE AGROECOLOGIA E CULTURA POPULAR:** nas comunidades tradicionais do rio Acaráqui e Camurituba-beira, localizadas em abaetetuba-PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para a obtenção de grau de Tecnóloga em Agroecologia pela Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo, Universidade Federal do Pará – Campus Abaetetuba.

Orientador: Dr. Jones da Silva Gomes

ABAETETUBA - PA  
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

Santos, Adriele da Silva dos.

A relação entre agroecologia e cultura popular: : nas comunidades tradicionais do rio Acaráqui e Camurituba-beira, localizadas em Abaetetuba-PA / Adriele da Silva dos Santos, Suzane Da Silva E Silva. — 2025.

40 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Jones da Silva Gomes  
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Tecnologia em Agroecologia, Abaetetuba, 2025.

1. Agroecologia. 2. Território. 3. Cultura popular. 4. Sustentabilidade. I. Silva, Suzane Da Silva E. II. Título.

CDD 306.409811

---

ADRIELE DA SILVA DOS SANTOS  
SUZANE DA SILVA E SILVA

**A RELAÇÃO ENTRE AGROECOLOGIA E CULTURA POPULAR:** nas  
comunidades tradicionais do rio Acaráqui e Camurituba-beira, localizadas em abaetetuba-PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como  
requisito obrigatório para a obtenção de grau de  
Tecnóloga em Agroecologia pela Faculdade de  
Formação e Desenvolvimento do Campo, Universidade  
Federal do Pará – Campus Abaetetuba.

Orientador: Dr. Jones da Silva Gomes

Data de aprovação: 28/ 03/2025

Conceito: Excelente

**Banca Examinadora**

---

Orientador

Dr. Jones da Silva Gomes- UFPA - Campus de Abaetetuba

---

Examinador Interno

Dr. Jose Francisco da Silva costa - UFPA - Campus de Abaetetuba

---

Examinador Interno

Dr. Ricardo Eduardo de Freitas Maia- UFPA - Campus de Abaetetuba

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela possibilidade de vivenciar tudo isso da melhor forma possível, concedendo-nos ânimo, saúde e forças para superar as dificuldades, afastando toda a ansiedade, e assim, fazer com que nossos objetivos fossem alcançados, durante todos esses anos de estudos.

Aos nossos familiares que nos incentivaram nos momentos de atribulação e compreenderam a nossa ausência enquanto dedicava-nos com o sonho de finalizar nossa graduação. vale destacar, as incontáveis vezes que nossos pais, Raimundo dos Santos e Domingas da Silva dos Santos (pais da discente Adriele), e Manoel Fernando Cordeiro da Silva e Sandra do Socorro da Silva (pais da discente Suzane), abdicaram de seus sonhos para lutar pelos nossos.

Aos colegas de classe, por cada experiência, vocês foram muito importantes em nossa trajetória, em especial, ao Renann Pureza, Nilvana Rodrigues, Ingrid Soares, Valdenice Santos e Edna do Socorro, o grupo de todos os trabalhos e estudos. Vocês foram e sempre serão especiais. A todos os que, direta e indiretamente, fizeram parte de nossa formação, o nosso muito obrigada.

Ao nosso orientador Jones da Silva Gomes pela paciência, correções quando necessário e principalmente por evidenciar a importância dos povos e comunidades tradicionais e fomentar a valorização da memória do nosso povo, e aos demais professores pelos ensinamentos que nos permitiram mostrar um melhor desenvolvimento.

A Universidade Federal do Pará (UFPA) Campus de Abaetetuba-PÁ, por ser o solo fértil onde conseguimos plantar nossos sonhos e colher o fruto do conhecimento. Por fim, abriu-nos horizontes e mostrou-nos que o aprendizado vai muito além da sala de aula.

## RESUMO

Este trabalho analisa a relação entre agroecologia e cultura popular a partir do modo de vida dos moradores das comunidades Rio Acaraqui e Camurituba-Beira, localizadas no município de Abaetetuba-PA. Essas comunidades possuem ecossistemas distintos, sendo uma de várzea e a outra de terra firme, como o Rio Acaraqui situado nas ilhas e o Camurituba-Beira localizado em ramais. Nesse sentido, o referido trabalho tem como objetivo analisar, a relação entre a agroecologia e a cultura popular em ambas as comunidades tradicionais, buscando demonstrar a interligação entre esses dois campos teóricos, que compartilham princípios como a sustentabilidade ambiental, a valorização dos saberes locais e o fortalecimento da economia comunitária. Para isso, adotou-se uma metodologia de pesquisa participativa, utilizando questionários semiestruturados compostos por 23 perguntas abertas e fechadas, aplicados a 10 moradores de cada comunidade. Os resultados da pesquisa mostram que as práticas agrícolas, os costumes e os saberes populares dessas comunidades estão diretamente ligados aos princípios agroecológicos, promovendo a sustentabilidade ambiental e a autonomia dos moradores. Conclui-se que as comunidades de Acaraqui e Camurituba-Beira preservam e vivenciam uma cultura popular profundamente enraizada em sua relação com a natureza, a religiosidade e o modo de vida rural. Essa interdependência entre cultura e território se reflete tanto nas práticas produtivas quanto nas festividades e no convívio comunitário, fortalecendo a identidade coletiva e a continuidade dos saberes ancestrais. Dessa forma, a agroecologia se reafirma como um instrumento de resistência cultural e desenvolvimento sustentável, contribuindo para a valorização e permanência das comunidades tradicionais no território.

**Palavras-chave:** agroecologia; território; cultura popular; sustentabilidade.

## ABSTRACT

This paper analyzes the relationship between agroecology and popular culture based on the lifestyle of residents of the Rio Acaraqui and Camurituba-Beira communities, located in the municipality of Abaetetuba, Pará. These communities have distinct ecosystems, one being a floodplain and the other on dry land, such as the Acaraqui River located on islands and the Camurituba-Beira River located on branches. Therefore, this paper aims to analyze the relationship between agroecology and popular culture in both traditional communities, seeking to demonstrate the interconnection between these two theoretical fields, which share principles such as environmental sustainability, the appreciation of local knowledge, and the strengthening of the community economy. To this end, a participatory research methodology was adopted, using semi-structured questionnaires composed of 23 open- and closed-ended questions, administered to 10 residents of each community. The research results show that the agricultural practices, customs, and popular knowledge of these communities are directly linked to agroecological principles, promoting environmental sustainability and resident autonomy. It can be concluded that the communities of Acaraqui and Camurituba-Beira preserve and live a popular culture deeply rooted in their relationship with nature, religion, and the rural way of life. This interdependence between culture and territory is reflected in both productive practices and festivities and community life, strengthening collective identity and the continuity of ancestral knowledge. Thus, agroecology reaffirms itself as an instrument of cultural resistance and sustainable development, contributing to the appreciation and permanence of traditional communities in the territory.

**Keywords:** agroecology; Territory; Popular culture; Sustainability.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 Histórico e Conceito da Agroecologia.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2 Cultura camponesa e meio ambiente.....</b>	<b>12</b>
2.1.2 Cultura.....	13
<b>2.3 Cultura e Agroecologia .....</b>	<b>14</b>
2.1.3 Comparação da relação cultural entre as comunidades.....	15
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>16</b>
<b>3.1 Local da pesquisa .....</b>	<b>16</b>
<b>3.2 Histórico das comunidades em estudo.....</b>	<b>18</b>
3.1.2 Comunidade Camurituba-Beira.....	18
3.1.3 Comunidade Rio Acaraqui .....	20
<b>3.3 Métodos e técnicas utilizados para realização da pesquisa .....</b>	<b>22</b>
<b>3.4 Aplicação do questionário .....</b>	<b>23</b>
<b>4 RESULTADO E DISCUSSÃO .....</b>	<b>27</b>
<b>4.1 Especificidades e Cultura Popular Manifestada nas Comunidades Tradicionais.....</b>	<b>27</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>35</b>
<b>APÊNDICE A – COLHEITA DA MANDIOCA E PREPARAÇÃO DA FARINHA .....</b>	<b>37</b>
<b>APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E GRAVAÇÃO .....</b>	<b>38</b>
<b>APÊNDICE C – PLANTIO E COLHEITA.....</b>	<b>39</b>
<b>ANEXO A – CARTAZ DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE .....</b>	<b>40</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A agroecologia se configura como uma ciência que reúne uma série de princípios, conceitos e metodologias para estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas, seu propósito é viabilizar a implantação e o desenvolvimento de estilos de agricultura adaptados a contextos socioecológicos específicos. Dessa forma, longe de representar um modelo fixo ou uma forma particular de produção, ela se constitui como um referencial teórico que ganha corpo quando aplicada à realidade socioeconômica e ecológica local (Altieri, 2000).

Nesse mesmo contexto, Barrera-Bassols e Vitor Toledo (2008) destacam que a fixação e evolução no espaço e no tempo estão intimamente ligadas à diversidade e à especificidade territorial, cada território tradicional é fruto de um processo de coevolução entre natureza e sociedade, evidenciado não só na biodiversidade e na genética, mas também na linguística, no conhecimento agrícola e na paisagem. Essa visão reforça a importância de se considerar as particularidades locais para entender as práticas agrícolas.

Historicamente, a introdução da Revolução Verde no Brasil e a expansão do agronegócio trouxeram consigo a perda da biodiversidade agrícola e o aumento do êxodo rural. De acordo com Altieri (2004), a modernização agrícola baseada no uso intensivo de insumos químicos e sementes padronizadas levou à erosão genética das variedades tradicionais e ao enfraquecimento da agricultura camponesa. Nesse mesmo sentido, Delgado (2012) ressalta que a concentração fundiária e o avanço do agronegócio têm sido fatores determinantes para a expulsão de pequenos agricultores e para a intensificação do êxodo rural no país. Essa transformação, acentuada pelo domínio de grandes produções e pelo uso intensivo de maquinário, impôs desafios aos agricultores tradicionais, que viram seus modos de produção serem ameaçados.

Em resposta a esse cenário, emergiu a busca por estilos de agricultura menos agressivos ao meio ambiente e práticas que se configuram como uma forma de resistência à agricultura capitalista e que visam diminuir os impactos socioambientais da produção convencional, ao mesmo tempo em que buscam a preservação da biodiversidade e da diversidade sociocultural. Contudo, esse processo também gerou reações sociais e científicas que deram origem a movimentos de resistência e à valorização de práticas agrícolas alternativas. Nesse contexto, a agroecologia surge como uma proposta de reconstrução da agricultura, fundamentada no resgate dos saberes tradicionais, no manejo ecológico dos recursos naturais e na busca por sistemas mais resilientes e sustentáveis. Para Altieri (2004), a agroecologia representa não

apenas uma crítica ao modelo da Revolução Verde, mas também um caminho concreto para a promoção da soberania alimentar e para a preservação da biodiversidade.

Vale ressaltar que os conhecimentos advindos dos povos e comunidades tradicionais não são somente agrícolas, são baseados numa cosmovisão que faz desses sujeitos atores de seu modo social. Além disso, esse jeito particular de ver o mundo faz com que eles criem sua própria identidade e construam seu modo de vida; logo, perder o seu território seria perder a sua própria cultura, sendo esse talvez o motivo pelo qual esses sujeitos se empenhem na luta por suas localidades

Vale ressaltar que os conhecimentos advindos dos povos e comunidades tradicionais não são somente agrícolas, mas estão enraizados em uma cosmovisão que os constitui como sujeitos sociais. Esse modo particular de compreender o mundo possibilita a criação de identidades próprias e a construção de formas específicas de vida; logo, perder o território significa perder a cultura e a memória coletiva. Nesse sentido, Almeida (2008) afirma que “os territórios tradicionais representam muito mais do que espaços físicos, pois concentram dimensões simbólicas, sociais e culturais que garantem a reprodução da vida desses grupos”. De forma semelhante, Diegues (2000) destaca que a luta pela permanência nos territórios não se resume a questões econômicas, mas expressa a defesa de uma herança cultural e de um modo de vida singular. No entanto, é preciso questionar qual é a relação entre a agroecologia e a cultura popular expressa no modo de vida das comunidades tradicionais?

A agroecologia e a cultura popular estão profundamente interligadas, pois ambas se baseiam no conhecimento tradicional, na relação harmoniosa com a natureza e na transmissão de saberes entre gerações. Nas comunidades do Rio Acaraqui e Camurituba-Beira, essas práticas agroecológicas se manifestam no uso sustentável dos recursos naturais, nas técnicas agrícolas adaptadas ao ambiente local e nas festividades que celebram o trabalho no campo. Como destaca Wanderley (2009), o mundo rural é revitalizado pela ação dos camponeses e agricultores familiares, que mantêm vivas suas tradições ao mesmo tempo em que inovam para garantir sua permanência no território. Dessa forma, a agroecologia não apenas fortalece a produção sustentável, mas também contribui para a preservação da identidade cultural das comunidades, garantindo que seus modos de vida resistam às pressões do modelo econômico dominante.

Cabral, Hernández e Vara (2020) destaca que há uma relação profunda entre os povos tradicionais e seus territórios, o que permite compreender os processos de resistência dessas comunidades. A literatura mostra que diferentes povos adotam comportamentos para proteger

sua identidade e manter seus territórios, algo que converge com os princípios da agroecologia. Nesse sentido, a Cultura Popular e a agroecologia apresentam conexões que reforçam a importância da memória, da oralidade, das crenças e das festividades como elementos essenciais para a transmissão de conhecimentos entre gerações e a construção de práticas de resistência nos territórios.

Cabral, Hernández e Vara (2020) também reforça que a compreensão dos territórios e dos processos de transição agroecológica deve considerar a Cultura Popular, pois é nesse contexto que se destaca diversas formas de resistência associadas aos costumes e tradições dos povos. Essas expressões de resistência variam de acordo com as ameaças enfrentadas por cada comunidade, mas, em diferentes épocas e lugares, os povos tradicionais recorrem à sua identidade e ao senso de pertencimento como estratégias para enfrentar desafios que possam desestruturar seus saberes. Assim, compreender como essa cultura se traduz em práticas cotidianas de resistência, como ela se manifesta por meio da memória, da oralidade, das crenças e das festividades, é essencial para fortalecer o diálogo entre a agroecologia e as comunidades.

A Agroecologia enquanto ciência, movimento social e prática reconhece o saber tradicional (cultura popular) como extensão essencial da vida rural, para assim ter o entendimento mais amplo dos povos rurais, sendo isso um avanço no desenvolvimento da transição e compreensão dos agroecossistemas. Nas comunidades tradicionais, essas três dimensões se encontram de forma concreta: a produção agrícola não é vista apenas como uma atividade econômica, mas como parte de uma cultura popular viva, transmitida entre gerações, que integra trabalho, espiritualidade, respeito à natureza e solidariedade comunitária. Assim, o modo de vida das comunidades tradicionais mostra que a agroecologia não é somente um conjunto de técnicas, mas uma forma de existir no território e de resistir às formas de apropriação que colocam em risco a biodiversidade e os saberes ancestrais.

No entanto, a escolha do tema surgiu a partir da nossa vivência enquanto estudantes do curso de Agroecologia e, ao mesmo tempo, moradoras das comunidades estudadas. Por estarmos inseridas nesse contexto, reconhecemos que a agroecologia não é apenas uma alternativa técnica para a agricultura, mas parte de um modo de vida construído historicamente por nossos povos, profundamente relacionado com a cultura popular, com o saber ancestral e com o respeito à natureza. Percebemos, no entanto, que esse conhecimento tradicional muitas vezes é invisibilizado, sendo tratado apenas como “prática” e raramente valorizado como conhecimento científico legítimo. Por isso, este trabalho tem como objetivo analisar, por meio de uma pesquisa qualitativa, a relação entre a agroecologia e a cultura popular nas comunidades

tradicionais e quilombola do Rio Acaraqui e Camurituba-Beira, buscando demonstrar a interligação entre esses dois campos teóricos, que compartilham princípios como a sustentabilidade ambiental, a valorização dos saberes locais e o fortalecimento da economia comunitária. Nesse sentido, será discutido o estilo de vida das comunidades, dando ênfase aos costumes e às práticas agrícolas e mostrando a inter-relação entre os saberes tradicionais-populares e a Agroecologia.

Assim, ao desenvolver esta pesquisa, não apenas contribuimos para o registro e valorização dessas práticas, como também reafirmamos o nosso compromisso, enquanto estudantes e moradoras, com a defesa do território, da identidade cultural e da agroecologia como caminho de resistência e permanência no campo.

A presente pesquisa encontra-se dividida em tópicos e subtópicos a saber: no primeiro tópico encontra-se a introdução, onde faz um explanado geral da pesquisa; o segundo está o referencial teórico intitulado: Histórico e os conceitos da agroecologia: busca-se conceituar a agroecologia e a cultura popular contextualizando-as em seus respectivos espaços; o terceiro tópico é sobre a metodologia de pesquisa e o local onde o estudo foi realizado; no quarto tópico está o histórico das comunidades estudadas; o quinto tópico é as considerações finais onde é trabalhado mostrando os resultados alcançados no referido trabalho; E por fim no sexto tópico destaca-se a conclusão da pesquisa, mostrando a relação entre a agroecologia e cultura popular nas duas comunidades estudadas.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Histórico e Conceito da Agroecologia

A chamada Revolução Verde, iniciada na década de 1960, trouxe ao mundo a modernização da agricultura e a incorporação de novas tecnologias no sistema de produção, como a irrigação, mecanização, os fertilizantes químicos, agrotóxicos e as sementes geneticamente melhoradas na produção agropecuária, fazendo com que a produção de alimentos crescesse em grande escala, tendo em vista que houve o aumento populacional. (Campagnolla; Macêdo, 2022).

O termo agroecologia foi utilizado na literatura científica no ano de 1928, quando o agrônomo russo Brasil Bensin sugeriu a inclusão de variáveis referentes aos processos ecológicos na experimentação agrônômica com plantas comerciais. Essa integração entre ecologia e agronomia foi denominada de agroecologia (Wezel *et al.*, 2009).

Curado e Tavares destaca que o desenvolvimento da agroecologia está relacionado às respostas ao modelo agrícola baseado na Revolução Verde, implementado no Brasil a partir das décadas de 1950 e 1960. A agroecologia se consolidou com contribuições de diversas áreas do conhecimento, como geografia, sociologia rural, biologia, ciências agrárias e ecologia. Estudos científicos ampliaram a compreensão sobre os impactos da modernização agrícola nos agroecossistemas, abordando temas como os efeitos dos agrotóxicos, a complexidade do manejo dos solos e as interações ecológicas entre solo, insetos e plantas, além da influência do ambiente nesses processos. Essas abordagens permitiram um entendimento mais amplo sobre territórios, sistemas de produção e agrobiodiversidade, ressaltando a importância da matéria orgânica e da nutrição das plantas para o funcionamento dos agroecossistemas.

“A agroecologia é uma abordagem multidisciplinar que integra práticas agrícolas sustentáveis com princípios ecológicos, culturais e sociais”, (Caporal; Costabeber 2004). Sendo assim, a agroecologia oferece uma alternativa ao modelo de agricultura industrial, priorizando a preservação do meio ambiente, a diversidade biológica e a participação comunitária. Ela propõe um modelo de produção que vai além da agricultura convencional, priorizando a harmonia entre a atividade humana e os ecossistemas naturais, de modo a garantir a sustentabilidade dos recursos naturais e a preservação das culturas locais.

Diferente do agronegócio, que muitas vezes se baseia em monoculturas e no uso intensivo de insumos químicos, a agroecologia valoriza a biodiversidade, a preservação do solo, da água e a integração das comunidades locais no processo produtivo. Os princípios da agroecologia fundamentam-se na ecologia, nas práticas agrícolas tradicionais e no respeito ao

meio ambiente, promovendo a autonomia dos agricultores e a soberania alimentar das populações. Esses princípios são aplicados em diferentes escalas e podem ser adaptados a várias realidades, especialmente em comunidades tradicionais, que historicamente utilizam práticas sustentáveis e estão em harmonia com o ambiente em que vivem.

Nesse sentido, Gliessman (2007) destaca que a agroecologia não se limita a técnicas agrícolas, mas incorpora aspectos sociais, econômicos e culturais que garantem a sustentabilidade dos agroecossistemas. Além disso, Toledo e Barrera-Bassols (2008) ressaltam que os sistemas tradicionais de manejo da terra são fruto de um longo processo de coevolução entre sociedades humanas e seus ambientes naturais, o que evidencia a importância da agroecologia na preservação do patrimônio cultural e ecológico das comunidades tradicionais. Assim, ao integrar conhecimento científico e popular, a agroecologia promove a resiliência dos sistemas produtivos e fortalece a identidade cultural das populações locais.

A agroecologia tem conseguido avançar, baseada na teoria da complexidade (Costa Gomes, 2005; Morin, 2006), como uma ciência, um movimento e uma prática (Petersen, 2017) capaz de atuar de maneira sistêmica, para compreender e transformar a realidade dos territórios e problematizar os modelos de desenvolvimento rural implementados no Brasil. A agroecologia tem conseguido organizar um cenário de atuação coletiva entre múltiplos sujeitos políticos na busca de reparação e construção de outras formas de reconhecer e atuar no meio rural (Petersen, 2017).

## **2.2 Cultura camponesa e meio ambiente**

A cultura camponesa está intimamente ligada à natureza e ao manejo sustentável dos recursos naturais. O modo de vida no campo é construído com base em conhecimentos tradicionais, herdados e transmitidos entre gerações, que consideram o tempo das chuvas, a fertilidade do solo, o ciclo das plantações e o respeito aos ecossistemas locais. A relação do camponês com o meio ambiente não é apenas utilitária, mas simbólica e espiritual, pois envolve uma compreensão do território como espaço de vida, memória e identidade. Essa interação promove práticas agrícolas diversificadas, como a policultura, o extrativismo vegetal e o uso de sementes crioulas, que favorecem a biodiversidade e a sustentabilidade ambiental.

Segundo Altieri (2009), a agricultura camponesa desempenha um papel crucial na conservação dos recursos naturais e na preservação da biodiversidade, por meio de práticas ecológicas que se contrapõem à lógica da agricultura industrial. O autor defende que “os

agricultores tradicionais, ao manejarem seus agroecossistemas com base em uma sabedoria ancestral, são verdadeiros guardiões da agrobiodiversidade e agentes fundamentais na promoção de sistemas agrícolas sustentáveis” (ALTIERI, 2009, p. 15). Assim, a cultura camponesa não apenas garante a sobrevivência de comunidades rurais, como também oferece alternativas concretas para enfrentar os desafios ambientais contemporâneos.

### 2.1.2 Cultura

A relação entre cultura e agroecologia em comunidades tradicionais como Rio Acaraqui e Camurituba-Beira pode ser construída através de práticas que valorizem os saberes locais e promovam a sustentabilidade. Nesse sentido, o resgate cultural dentro das comunidades é fundamental para educar as novas gerações sobre suas tradições e valores, fortalecendo a identidade coletiva. A preservação da cultura dentro das comunidades tradicionais está profundamente ligada a sustentabilidade. As práticas efetuadas por eles no dia a dia como o manejo do solo, cuidado dos recursos hídricos e respeito com a fauna e a flora mostram como esses povos têm vivido em pleno cuidado com a natureza por séculos. Segundo Altieri (2009, p. 15), "os conhecimentos tradicionais acumulados por essas populações ao longo de gerações representam uma alternativa sustentável de manejo dos recursos naturais, baseada na diversidade e na harmonia com os ecossistemas".

A princípio, a educação é vista dentro das comunidades como um processo de transmissão de cultura, a troca de saberes, através da oralidade realizada, por meio histórias, lendas, técnicas, músicas e prática, do cotidiano fazem com que as futuras gerações permaneçam com suas tradições. Por outro lado, os diálogos e encontros em festividades e manifestações de lutas, expressam a ligação com o território, e somam no compartilhamento dos conhecimentos dos mais experientes com os mais jovens ou com pessoas de fora da comunidade, ou seja, a troca de saberes em comunidades tradicionais envolve a transmissão e partilha de conhecimentos ancestrais, práticas culturais e modos de vida entre diferentes gerações. Essa troca pode ocorrer em diversas áreas, e é fundamental para a preservação da identidade cultural, a sustentabilidade e o desenvolvimento dessas comunidades.

Além disso, é perceptível que nas comunidades estudadas e a alimentação está profundamente ligada ao modo de vida, à cultura e ao respeito ao território. Mais do que garantir a sobrevivência, o ato de alimentar-se carrega significados de identidade, memória e pertencimento. Os alimentos são cultivados com técnicas ancestrais, muitas vezes coletivos, valorizando a sazonalidade e a diversidade das espécies nativas. A pesca artesanal, o

extrativismo e o cultivo de roças familiares garantem ingredientes frescos e variados, como mandioca, frutas, ervas, peixes e carnes de criação própria. Os modos de preparo também são transmitidos de geração em geração, preservando saberes que fortalecem a convivência comunitária. Assim, cozinhar e partilhar os alimentos torna-se um momento de encontro, onde se celebra a relação harmoniosa entre o ser humano e a natureza.

### **2.3 Cultura e Agroecologia**

Segundo Cabral *et.al*, (2019) fazer a relação da cultura popular camponesa e a agroecologia é tarefa fundamental, de um ponto de vista teórico, para a compreensão de ambas as práticas e para o vislumbre de um modo de vida camponês que pode ser tradicional e moderno, pautado na ideia do Bem-Viver, como um projeto em contraposição ao modelo econômico capitalista, excludente e desigual.

Além disso, para atuar no reconhecimento da diversidade de povos e sujeitos, no valor espiritual e material das práticas sociais, no ato celebrativo, nas práticas produtivas e nas diversas expressões que compõem as resistências camponesas, reconhecidas tanto nas suas ações diretas ou de enfrentamentos, como em suas formas sutis e cotidianas (Scott, 2002).

Bosi (1992) ressalta esta diversidade mas, se nos ativermos fielmente à concepção antropológica do termo cultura, que é, de longe, a mais fecunda, logo perceberemos que um sem-número de fenômenos simbólicos pelos quais se exprime a vida brasileira tem a sua gênese no coração dessa vida, que é o imaginário do povo formalizado de tantos modos diversos, que vão do rito indígena ao candomblé, do samba-de-roda à festa do Divino, das Assembleias pentecostais à tenda de umbanda, sem esquecer as manifestações de piedade do catolicismo que compreende estilos rústicos e estilos cultos de expressão.

A agroecologia e cultura popular está fortemente ligada aos saberes tradicionais, à preservação do rural e à resistência das comunidades em seus territórios. A agroecologia, além de ser uma abordagem agrícola sustentável, está profundamente conectada com os saberes e as práticas das culturas populares, especialmente em comunidades tradicionais, como povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos. Esses conhecimentos diretos, acumulados ao longo de gerações, refletem a interação das comunidades com o ambiente, oferecendo soluções sustentáveis que são moldadas pelas características ecológicas locais. Segundo Altieri e Toledo (2011, p. 589), “a agroecologia se baseia na sabedoria tradicional das comunidades locais, que gerencia seus recursos naturais de forma sustentável.”.



As práticas agroecológicas não se limitam à produção de alimentos, mas também refletem um modo de vida que valoriza os saberes ancestrais, a coletividade e a sustentabilidade. A relação entre cultura e agroecologia evidencia que as comunidades tradicionais não apenas cultivam a terra, mas também cultivam memórias, valores e identidades que atravessam gerações. Dessa forma, os conhecimentos tradicionais, transmitidos oralmente e na prática cotidiana, tornam-se elementos essenciais para a construção de um modelo de desenvolvimento sustentável, que respeita a biodiversidade e fortalece os laços sociais.

De acordo com Bosi (1992), a cultura brasileira é formada por um mosaico de influências históricas e sociais que se entrelaçam, criando identidades dinâmicas e em constante transformação. Nesse sentido, a agroecologia, ao integrar saberes populares e conhecimentos científicos, reforça a importância da cultura local na construção de modelos sustentáveis de produção, garantindo a autonomia das comunidades tradicionais e a preservação de suas identidades.

Dessa forma, a agroecologia se apresenta não apenas como uma alternativa produtiva, mas também como um movimento de resistência cultural e social. Ao valorizar os conhecimentos tradicionais e incentivar práticas sustentáveis, ela fortalece a identidade das comunidades e promove sua autonomia diante das ameaças impostas pela agricultura industrial. Além disso, a agroecologia possibilita a criação de redes de cooperação entre os agricultores, garantindo a continuidade dos modos de vida tradicionais e a transmissão de saberes para as futuras gerações. Assim, o desenvolvimento agroecológico vai além da produção de alimentos, tornando-se um instrumento de fortalecimento cultural e social das comunidades.

### 2.1.3 Comparação da relação cultural entre as comunidades

Embora inseridas em um contexto mais amplo, cada comunidade desenvolve práticas distintas que revelam sua identidade cultural e social. Nas comunidades estudadas os saberes e práticas culturais são visíveis, notou-se que foram herdados de gerações anteriores, transmitidos de forma oral e cotidiana, envolvendo desde técnicas agrícolas adaptadas ao ambiente até rituais, celebrações e expressões simbólicas que fortalecem o sentimento de pertencimento. Nesse sentido, há também a organização comunitária que é marcada pela coletividade, em que o trabalho em mutirão, as decisões compartilhadas e a solidariedade são elementos fundamentais para a manutenção do bem-estar coletivo. Mesmo havendo diferenças internas, a

cooperação é vista como estratégia de sobrevivência e de fortalecimento cultural (Caporal; Costabeber, 2004).

Quanto ao impacto ambiental, as práticas dessas comunidades revelam uma relação de respeito e cuidado com a natureza, compreendida como base da vida e parte da própria identidade. O uso equilibrado dos recursos garante a preservação de rios, florestas e solos, ao mesmo tempo em que assegura a continuidade da cultura local (Altieri, 2004). Os desafios enfrentados são diversos: desde as pressões do agronegócio e da expansão urbana até a perda de territórios, invisibilidade política e dificuldades de acesso a políticas públicas. Esses fatores colocam em risco não apenas a permanência física das comunidades, mas também a preservação de seus modos de vida (Almeida, 2008).

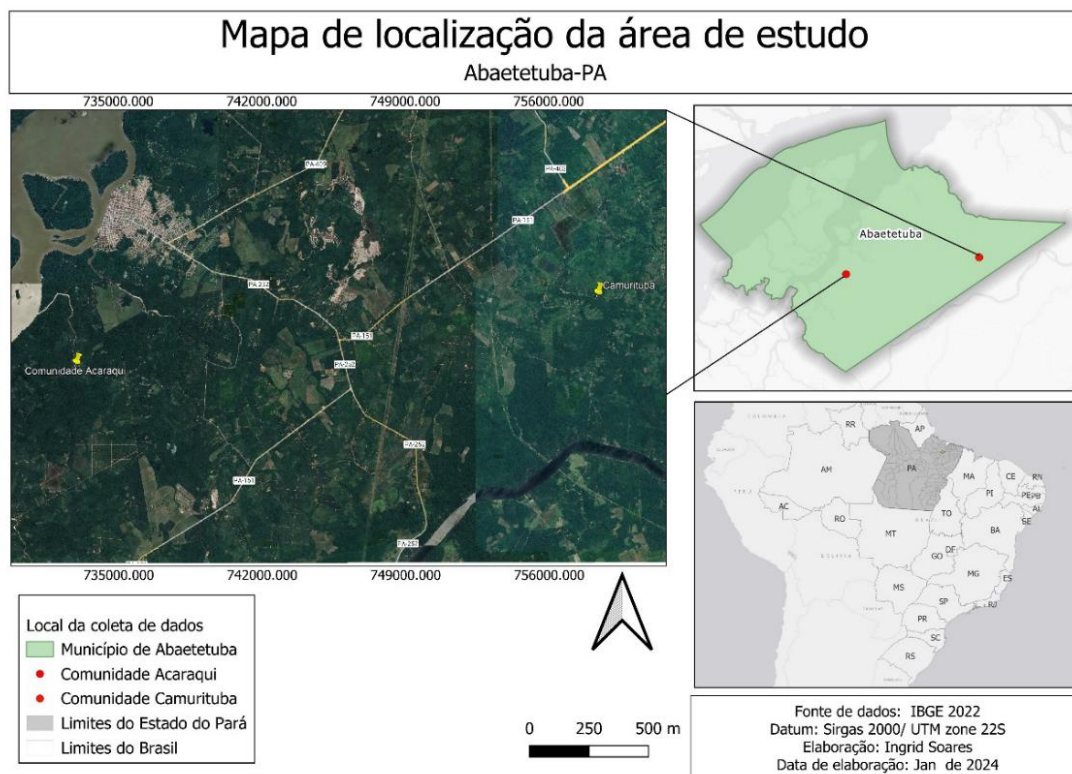
Apesar disso, a troca de experiências entre comunidades fortalece estratégias de resistência e valorização cultural. O compartilhamento de saberes, técnicas de cultivo, formas de organização e manifestações culturais cria redes de apoio que ampliam a capacidade de enfrentamento das adversidades, reforçando a identidade coletiva e a busca por sustentabilidade social e ambiental (Sevilla Guzmán, 2002).

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 Local da pesquisa**

O estudo foi realizado entre junho de 2024 e março de 2025 em duas comunidades rurais, Rio Acaraqui e Camurituba-Beira, no município de Abaetetuba-PA. Essas comunidades possuem contextos territoriais diferentes: Rio Acaraqui é uma comunidade quilombola situada em uma região de ilhas, enquanto Camurituba-Beira é uma comunidade tradicional que está localizada em área terrestre denominada de “ramal”, como é popularmente conhecida. No mapa abaixo, é possível visualizar a localização de ambas.

Figura 1— Localização das comunidades Rio Acaraqui e Camurituba-Beira.



Fonte: Elaborado por Ingrid Soares (2025).

As comunidades estão inseridas em diferentes contextos geográficos, o que influencia as formas de acesso a cada uma delas. A comunidade Rio Acaraqui pode ser acessada tanto por via fluvial quanto por estrada como a figura (2), enquanto o acesso a Camurituba-Beira ocorre exclusivamente por estradas e ramais figura (3). Abaixo estão ilustradas essas particularidades.

Figura 2— Acima demonstra o acesso pelo rio e abaixo o acesso pela estrada na comunidade Rio Acaraqui.



Fonte: Autoras (2025)

Figura 3— Mostra o acesso pela estrada e ramal na Comunidade Camurituba-Beira.



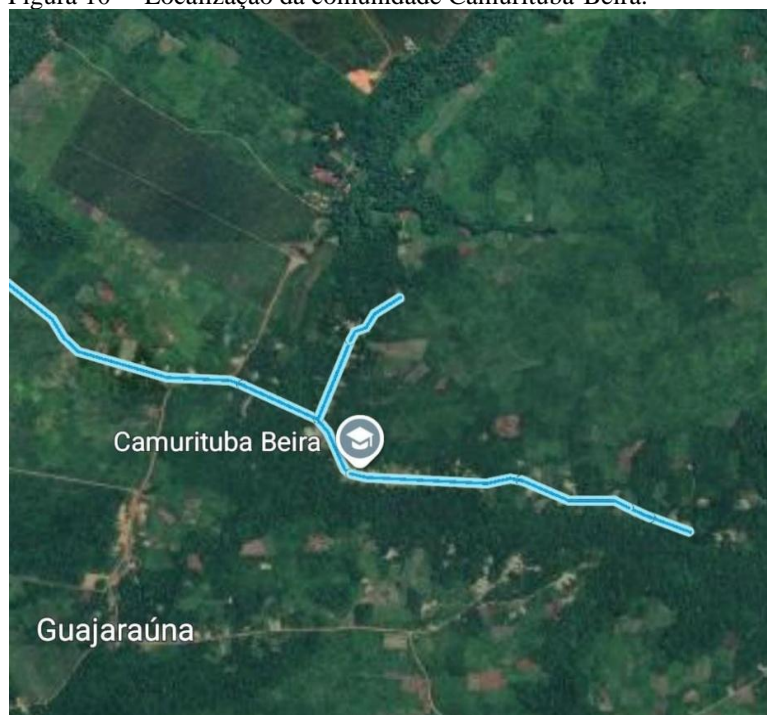
Fonte: Autoras (2025).

### **3.2 Histórico das comunidades em estudo**

#### **3.1.2 Comunidade Camurituba-Beira**

A comunidade Camurituba-Beira é um território rural, conhecido por sua forte ligação com a natureza e o modo de vida tradicional. Os moradores, em sua maioria, vivem da agricultura familiar, da pesca e do extrativismo, atividades que garantem não apenas a subsistência, mas também a preservação da cultura local. Localizada no interior do município de Abaetetuba, no estado do Pará, a comunidade Camurituba-Beira pode ser acessada por meio da rodovia PA-151, seguindo pela estrada Colônia Nova até o Km 09. A partir desse ponto, é necessário percorrer aproximadamente 7 km por um ramal de estrada de chão, (figura 10)

Figura 10— Localização da comunidade Camurituba-Beira.



Fonte: Google Earth (2025).

Na comunidade, residem cerca de 200 famílias, das quais aproximadamente 90% são agricultores familiares que trabalham coletivamente na terra, cultivando roças e quintais agroflorestais. Por isso, possuem uma história de luta e valorização do seu território, em que a cultura de seus ancestrais está enraizada em sua maneira de viver, como as festas de santos padroeiros.

A localidade, por ser extensa em território e abrigar um número elevado de famílias está organizada em setores, que são eles: Setor 01 (Ramalzinho), Setor 02 (Povoação), Setor 03 (Porto Grande) e Setor 04 (Boa Vista/Vila-Nova). Os nomes de cada setor foram definidos com base nas características de cada ponto de referência da comunidade, além de terem sido escolhidos pela população católica. A pesquisa realizada na localidade abrangeu esses quatro setores, permitindo uma análise mais ampla e representativa da realidade local. O quadro abaixo na pág (23) apresenta informações detalhadas sobre os entrevistados, incluindo quantidade, nome, idade e ocupação, fornecendo uma visão mais aprofundada do perfil dos moradores.

O modo de vida e as tradições da comunidade estão devidamente interligadas com a natureza, cerca de 90% das famílias são agricultoras e aprenderam com seus antepassados as técnicas de cultivo, especialmente da mandioca (*Manihot esculenta*). Dessa forma, a relação com a natureza e a preservação dos costumes permanecem vivas entre os mais jovens da comunidade. Além disso, a transmissão desses conhecimentos ocorre principalmente por meio

da oralidade e da prática diária no cultivo da terra, fortalecendo os laços comunitários e garantindo a continuidade das tradições.

A valorização da cultura local e do trabalho agrícola não apenas assegura a subsistência das famílias, mas também reforça a identidade cultural da comunidade. Dessa forma, a preservação desses saberes tradicionais torna-se essencial para a manutenção do modo de vida local, possibilitando que futuras gerações deem continuidade às práticas herdadas pelos antepassados. Para os moradores, preservar essas tradições é essencial para garantir a continuidade da comunidade e manter viva sua identidade.

*[...] Se não existissem essas culturas e tradições, não existiria a comunidade, a cultura é a vida da comunidade”, (Mário Edson, 45 anos, Agricultor e coordenador da comunidade).*

Essa visão reforça o papel fundamental da cultura na construção do pertencimento e na manutenção das relações sociais dentro da comunidade. Assim, as práticas tradicionais não apenas garantem a subsistência dos moradores, mas também fortalecem os laços coletivos e a memória histórica do lugar. Além de preservar a identidade da comunidade, essas práticas culturais também desempenham um papel essencial na economia local, impulsionando atividades como a agricultura familiar e o artesanato. O conhecimento transmitido fortalece não apenas a produção de alimentos e o uso sustentável dos recursos naturais, mas também a valorização da história e da sabedoria popular. Dessa forma, a cultura se mantém viva e dinâmica, adaptando-se aos desafios contemporâneos sem perder sua essência.

O envolvimento da comunidade na preservação dessas tradições garante que as futuras gerações continuem a valorizar e a praticar os saberes que foram herdados pelos antepassados, garantindo assim a permanência do modo de vida local. Assim, a cultura fortalece a identidade, a união e a sustentabilidade da comunidade.

### 3.1.3 Comunidade Rio Acaraqui

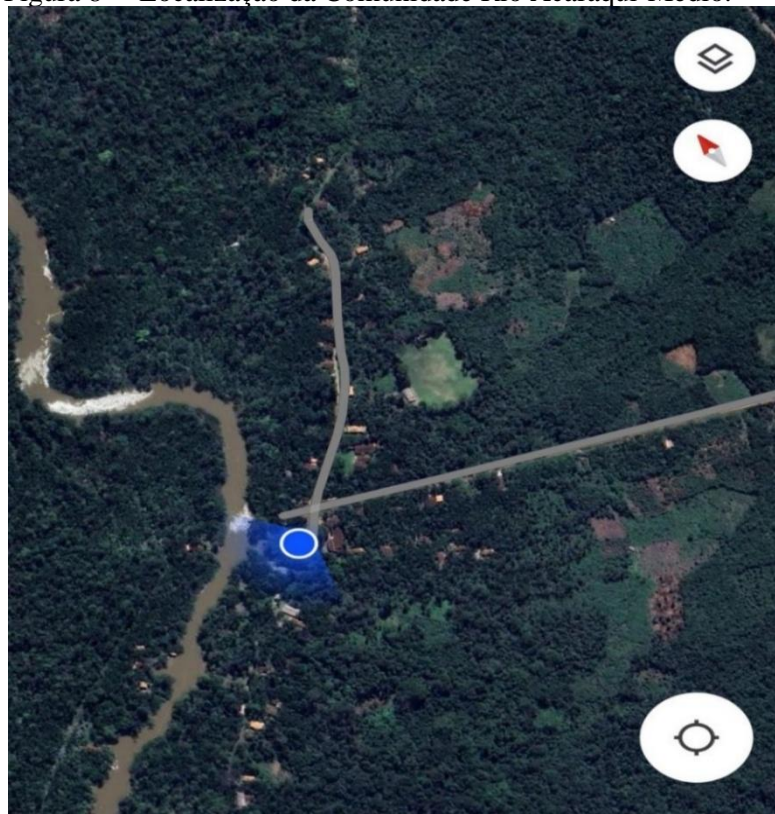
Os quilombos foram criados por negros escravizados que fugiam das grandes fazendas em busca de local de refúgio, onde pudessem sobreviver de forma livre, sem a possibilidade de serem encontrados facilmente pelos senhores de engenho; é por essa razão, inclusive, que os quilombos geograficamente estão localizados em áreas de difícil acesso. Os costumes vivenciados dentro de uma comunidade quilombola, pautados na memória e resistência, são reflexos de uma cultura que foi transpassada por seus ancestrais.

A comunidade Quilombola Acaraqui está localizada no interior de Abaetetuba/Ilha e pode ser acessada por meio aquático ou terrestre através da PA-151(figura 7), com uma



distância aproximada de quarenta e cinco minutos da cidade. Ela foi reconhecida como território quilombola no dia 05 de junho de 2002 pelo Instituto de Terras do Pará (ITERPA), que reconhece e regulariza áreas públicas do estado do Pará, podendo assegurar às comunidades tradicionais e remanescentes de quilombos a titulação de seus territórios para que possam executar suas atividades de forma sustentável e mantenham a estabilidade social no campo.

Figura 8— Localização da Comunidade Rio Acaraqui-Médio.



Fonte: Google Maps, 2024.

A comunidade possui cerca de 66 famílias, sua população guarda alguns costumes milenares provenientes dos saberes compartilhados pelos fundadores da comunidade. Ela é situada em uma área geográfica que possui uma realidade tanto de várzea quanto de terra firme. Possui um rio extenso, o que permite a distribuição, pelos moradores, de “baixo”, nomeada de Perpétuo Socorro, e “médio” Acaraqui, nomeada de São Miguel. Essa prática religiosa de definir o nome do local como de um santo(a) é oriunda da cultura popular; esta pesquisa se limita ao território do médio Acaraqui.

Figura 9— Igreja São Miguel Arcanjo.



Fonte: Imagem do arquivo pessoal do autor (2024).

Nesse sentido, a relação entre a agroecologia e a cultura popular no modo de vida da comunidade Acaraqui se manifesta por meio de diversos costumes, saberes tradicionais e crenças que orientam as práticas agrícolas e o cotidiano dos moradores. A agroecologia, ao integrar os conhecimentos ancestrais, fortalece a identidade cultural da comunidade protege práticas transmitidas de geração em geração, esses aspectos trarão relatos, além das crenças que influenciam a relação dos agricultores com a natureza. Dessa forma, será possível compreender como a agroecologia dialoga com a cultura local e a valorização dos saberes tradicionais. Esses aspectos serão evidenciados nas falas dos entrevistados, conforme apresentado no quadro 1 na página (24), que reúne os nomes dos participantes da pesquisa.

### **3.3 Métodos e técnicas utilizados para realização da pesquisa**

A pesquisa teve duas etapas durante o estudo, a primeira etapa da pesquisa consistiu em um levantamento bibliográfico, com o objetivo de fornecer uma fundamentação teórica sólida sobre o tema abordado neste trabalho, e em seguida a pesquisa de campo foi realizada entre os dias 11 e 20 de janeiro de 2025, e envolveu a aplicação de uma pesquisa participativa, utilizando questionários semiestruturados (conforme ilustrado nas figuras 4 e 5 na pág.).



### 3.4 Aplicação do questionário

Os questionários aplicados foram compostos por 23 perguntas, tanto abertas quanto fechadas, e foram distribuídos igualmente nas duas comunidades estudadas, totalizando 10 questionários aplicados em cada uma delas. A abordagem semiestruturada permitiu identificar e compreender as experiências de vida dos participantes a partir de diferentes pontos de vista, promovendo uma análise holística sobre as interações entre agroecologia e cultura popular.

#### **PERGUNTAS PARA O QUESTIONÁRIO: Conhecimentos sobre a Agroecologia e Saber Popular.**

##### **Caracterização Pessoal**

1- Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino ( ) Outro

2- Idade: \_\_\_\_ anos

3- Ocupação:

4- Informe a escolaridade:

Sem escolaridade ( ); Ensino Fundamental Completo ( ); Ensino Fundamental Incompleto ( );

Ensino médio Completo ( ) Ensino Médio Incompleto ( ); Graduação Completa ( ) Graduação

Incompleto ( )

##### **Caracterização do Conhecimento sobre a Agroecologia.**

5- Há quanto tempo reside na localidade/comunidade?

6- Qual a principal atividade desenvolvida para sua subsistência?

7- Quais são as principais culturas (plantas) que você cultiva? E como você faz para cultivar? (como sabe a melhor época de se plantar?)

8- Em sua opinião as técnicas que você faz para fazer suas plantações tanto na roça quanto no seu quintal, tem algum significado em relação de como plantar e porque fazer dessa forma?

9- Quais os tipos de culturas existem aos arredores de sua casa (quintal agroflorestral) e como você desenvolveu a prática? (por quê? Qual a importância?)

10- As práticas na agricultura foram transmitidas pelas gerações? Como elas são ensinadas para os mais jovens na atualidade?

11- Há alguma preocupação especial com a preservação dos igarapés e das nascentes ou cursos de água locais?

12- Qual é a prática agrícola que você considera mais importante ou significativa para a comunidade?

13- Como você imagina a agricultura no futuro?

14- Você já ouviu falar em agroecologia? SIM ( ) NÃO ( )

##### **Caracterização do Conhecimento sobre a cultura popular.**

15- Os movimentos sociais (associações, comissões sociais, direção comunitária) usam alguma estratégia ou condições para proteger as tradições da comunidade?

16- Existe algum tipo de dança (ou grupo) que fala sobre a cultura de vocês?

17- Quais são as festividades mais importantes para a sua comunidade? Os alimentos produzidos por vocês têm um papel especial nessas festas?

18- Qual é o significado principal desses festejos para você?

19- Em relação às músicas que são utilizadas por vocês, tanto nas festividades/igreja quanto nos grupos de danças expressa o cuidado e ligação com o território em que vivem?

20- As gerações mais jovens participam dessas manifestações? qual o tipo de incentivo é dado a eles?

21- Quais os alimentos que você cultiva para sua subsistência? (plantações, rios/peixes).

22- Na sua opinião, por que é importante manter as práticas culturais (festas, plantações, alimentação, danças...) na comunidade?

23- O que seu território/comunidade significa para você?

As perguntas presentes no questionário semiestruturado permitiram conhecer as localidades de uma forma mais minuciosa, fazendo com que os entrevistados discorressem de forma precisa sobre sua cultura, por meio de seu modo de vida na comunidade onde residem. Dessa forma, os questionários que foram aplicados e as respostas coletadas pelos entrevistados demonstram o modo de produção e forma de subsistência deles. Notou-se que dentro da localidade a cultura e a forma de vida é expressamente visível nos costumes e tradições, conforme mencionado pelos contribuintes.

Os participantes foram selecionados com base em critérios que asseguraram a diversidade e representatividade das vozes nas comunidades, a faixa etária dos entrevistados variou entre 18 e 85 anos, e a escolha dos participantes levou em consideração a relevância de seus papéis dentro das comunidades, incluindo estudantes filhos de agricultores, coordenadores comunitários, mulheres agricultoras e pessoas com longa experiência de vida na localidade. Além disso, foram selecionadas pessoas com um vínculo profundo com a natureza, que mantêm desde a infância uma conexão com as tradições culturais e histórias locais. Como mostra os quadros 1 e 2 abaixo.

Quadro 1— Indivíduos entrevistados na comunidade Rio Acaraqui.

<b>Nome dos entrevistados</b>	<b>Idade</b>	<b>Ocupação</b>
Alex da Silva Santos	30 anos	Agricultor
Ariel Silva dos Santos	19 anos	Estudante/ Filho de Agricultores
Domingos dos Santos Costa	50 anos	Lavrador
Domingas da Silva dos Santos	73 anos	Agricultora
Domingos dos Santos	55 anos	Agricultor
Maria de Nazaré dos Santos Feio	51 anos	Agricultora
Raimunda Dias dos Santos	57 anos	Lavadora
Raimundo dos Santos	57 anos	Lavrador
Rosana Quaresma Lobato	34 anos	Agricultora
Valdenice dos Santos Feio	28 anos	Agricultora

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Quadro 2— Indivíduos entrevistados na comunidade Camurituba-Beira.

<b>Nome dos entrevistados</b>	<b>Idade</b>	<b>Ocupação</b>
Crispim Nascimento da Cruz	67 anos	Agricultor/aposentado
Emília N. dos S. e Silva	85 anos	Lavradora/aposentada
Ivanete Lameira dos Santos	45 anos	Agricultora
Izonete Lameira dos Santos	53 anos	Agricultora
Mario Edson Cordeiro da Silva	45 anos	Lavrador
Manoel Fernando C. da Silva	52 anos	Agricultor
Maria de Nazaré S. Ribeiro	62 anos	Lavradora
Manoel Fernando C. da Silva	52 anos	Agricultor
Mayara Santos de Lima	29 anos	Agricultora
Sandra do Socorro da Silva	55 anos	Agricultora

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Para a coleta de dados complementares, como fotografias e gravações de voz, foram utilizados celulares da marca Samsung A15 para fazer os registros, isso se deu a partir dos Termos de Autorização de Uso de Imagem e Gravação, assinados pela família participante. O caderno de campo foi utilizado para descrever os relatos dispostos ao longo do texto como também as observações e anotações pertinentes à pesquisa, e as ferramentas digitais como Google Maps e Google Earth foram empregadas para ilustrar e localizar as comunidades estudadas no mapa. A análise dos dados possibilitou a construção de uma visão mais detalhada e reflexiva sobre a relação entre agroecologia e cultura popular nas comunidades investigadas, que será apresentada na seção de resultados deste estudo. Abaixo estão as figuras do momento da aplicação dos questionários das referidas comunidades.

Figura 4 — Aplicação do questionário na comunidade Camurituba-Beira.



Fonte: Autoras (2025).

Figura 5 — Aplicação do questionário na comunidade Rio Acaraqui.



Fonte: Autoras (2025).

## 4 RESULTADO E DISCUSSÃO

### 4.1 Especificidades e Cultura Popular Manifestada nas Comunidades Tradicionais.

As comunidades tradicionais distinguem-se também por seus modos próprios de produzir e expressar a cultura no dia a dia. A culinária, por exemplo, é marcada pelo aproveitamento de recursos locais e por receitas transmitidas oralmente, muitas vezes baseadas em plantas, peixes e frutos da região. A produção de alimentos e artesanato segue um ritmo coletivo e sustentável, respeitando os ciclos da natureza e preservando técnicas ancestrais.

Os costumes aparecem nas práticas cotidianas, nas formas de acolhimento, nas festas religiosas e nas comemorações sazonais. As danças e músicas têm grande valor simbólico e identitário, expressando histórias, lutas e relações com a natureza. Muitas dessas manifestações ocorrem em momentos comunitários, reforçando o sentimento de pertencimento e a valorização dos ancestrais.

Assim, a especificidade das comunidades tradicionais também se manifesta na riqueza cultural: culinária própria, modos de produção diferenciados, costumes próprios e manifestações artísticas que articulam memória, território e identidade coletiva. Contudo, baseado nos depoimentos dos entrevistados, as práticas de sua identidade étnico-cultural, as práticas de produção, quintais agroflorestais, dança, músicas, festas, movimentos sociais, territorialidade demonstram o quanto seus costumes e tradições estão sendo preservados e manifestados em seu convívio diário.

*[...] A nossa associação ARQUIA (Associação de remanescentes de quilombos das ilhas de Abaetetuba) já teve uma coordenação que não somava com nossas lutas, ou seja, o trabalho que deveriam fazer, ficava de lado. Hoje, com a nova coordenação, percebo um maior engajamento e luta por nossos direitos, acredito que seja porque as pessoas estão na comunidade e conhecem nossas dificuldades (Ariel, 20 anos, universitário e filho de um Agricultor da comunidade).*

*[...] A festividade é algo importantíssimo dentro das comunidades, tem algo muito afetivo, já crescemos com essa tradição, todas da comunidade e ex-moradores já vão se organizando para no mês de setembro, especificamente 27, 28 e 29, para participar da festa. Tudo que nós tínhamos e temos de “luxo” é reservado para a festividade do São Miguel, tipo roupas, frutas, comidas [...] (Ariel, 20 anos, universitário e filho de um Agricultor da comunidade)*

A vivência em família faz com que as práticas dentro da comunidade se perdurem ao longo do tempo e assim a cultura se movimenta de forma contínua. Domingos dos Santos destaca: “nós aprendemos com nossos pais e assim passamos adiante”, o conhecimento é passado de forma espontânea, havendo somente algumas modificações nas práticas e tecnologias utilizadas, como na prática agrícola e produção de farinha, que envolve o cultivo,

colheita, preparação e transformação da mandioca (*Manihot esculenta*) em farinha, que são práticas predominantes dentro da comunidade e que serve de subsistência das famílias:

*[...] Antes nós plantávamos a maniva muito próximas uma da outra, nós cortávamos o turno da maniva apontado, no tempo do meu pai, hoje nós cortamos certinho, porque quando se corta certo, dá raiz no geral, em toda volta. Nós fazemos a cova distante uma da outra, há cerca de um metro, dá muita mandioca e elas saem graúdas [...], (Domingos dos s. Costa, 50 anos, Coordenador da comunidade e Agricultor).*

*[...] A gente não usa nem um tipo de adubo em nossas plantações, deixamos que a natureza vá agindo, deixamos acontecer no tempo dela [...], (Raimunda D. dos Santos, 57 anos, Agricultura)*

*[...] Nós cultivamos também nos arredores da casa, plantas medicinais, várias frutas que servem para consumo, somam em nossa economia, e têm um papel importante em nosso festejo, nós montamos a ramada do barracão da comunidade com as frutas, cada família dá uma quantidade de frutas [...], (Domingos dos Santos, 55 anos, Agricultor)*

*[...] Meu pai nos ensinava que quando fossemos plantando, deveríamos ir falando “macho”, na outra falar “femea”, e assim indo...ele nos ensinava de tudo, como fazer fibras do grelo da folha de miriti, para amarrar nossas frutas para a venda, principalmente o maxixe [...], (Raimundo dos Santos, 57 anos, Agricultura)*

Por meio dessas falas, fica evidente que a luta e resistência são constantes nessa comunidade, visto que sempre há a inquietação dos indivíduos com relação ao futuro das novas gerações, permitindo assim um cuidado redobrado para envolver os jovens em ações que faça com que eles reconheçam as suas origens.

Um dos fatores que desencadeia preocupação nos indivíduos mais velhos da comunidade é a prática do êxodo rural, que ocorre principalmente com jovens, pois estes necessitam sair da comunidade para estudar. Os jovens que estão presentes na comunidade participam dos movimentos em defesa do território, em geral organizados pela igreja católica. É importante que eles ingressem em cursos voltados para a realidade do campo, com o objetivo de contribuir com a valorização da diversidade cultural, identidade tradicional, fazendo-a ser conhecida, vivida, compreendida e repassada, compreendendo os princípios do relativismo cultural:

*[...] esses jovens têm que sair da comunidade pensando em um curso que também contribua com a valorização do campo, e assim, possam contribuir com reconhecimento em suas comunidades” (Ariel, 20 anos, universitário e filho de um Agricultor da comunidade).*

As festas populares propiciam a divulgação de práticas e saberes tradicionais que caracterizam as comunidades em questão. Nesses eventos, as músicas e as danças são “objetos de memórias”, visto que manifestam, além das letras das músicas e da caracterização dos envolvidos, a ancestralidade e exuberância do meio rural onde estão inseridos:

*[...] Uma música que foi escrita por um morador da comunidade e nós cantava em vários lugares que íamos, e ela fala do nosso território, rio e o que temos, ela dizia assim... 'Nós somos um povo unido que viemos participar, nós somos do Acaraqui e a benção nós vamos lhe dar, temos algumas riquezas, ricos de muito amor, agora nós vamos dizer que Jesus é nosso salvador (bis), temos canoas e barcos, temos também o juru, temos também tapioca e com ela fazemos beiju[...]' (Rosana, 34 anos, Agricultora).*

*[...] As nossas roupas de dança do grupo das três raças que nós tínhamos era usado a cuia, folha do miriti... pra nós montar as nossas roupas. Hoje nós não temos mais o grupo, mas temos a carimbó e as quadrilhas que movimentam nossa comunidade[...]' (Rosana, 34 anos, Agricultora).*

Portanto, é evidente que as músicas e apresentações culturais são recursos esotéricos para a perpetuação dos saberes culturais. Logo, eles estão diretamente inter-relacionados à formação sociocultural dos indivíduos.

Nas comunidades tradicionais rurais, as tradições e experiências concretas das manifestações culturais e religiosas mais remotas, da vida social comunitária, constituem a cultura desses povos (Maciver; Page, 1973). Segundo Wanderley (2009) os agricultores familiares, ribeirinhos, remanescentes de quilombolas e indígenas, com diversos formatos sociais e produtivos não representam uma realidade isolada, comparada à sociedade em geral, mas um ambiente social que mantém suas particularidades sociais, históricas e culturais.

A culinária, música, religião, as danças e festas tradicionais, por exemplo, são vieses de manifestação cultural, sendo essa constituída pelos povos indígenas, africanos, portugueses, formando assim um povo diverso. Em decorrência disso, percebe-se que essas manifestações populares são formas dos povos de viver e manter suas memórias simbólicas, garantido a continuidade de sua cultura.

Partindo do pressuposto de que há uma relação harmoniosa entre o meio ambiente e o agricultor, a natureza retribui o cuidado, respeito e afeto por ele dado, essa conexão com o lugar e a natureza onde estão inseridos demonstra o quanto esses ambientes não são vistos somente como terra ou lugar onde se obtém bens econômicos, mas sim como “território”, o que revela o contato íntimo entre o indivíduo e o meio.

A cosmovisão dos povos tradicionais do mundo correlaciona a sociedade e a natureza em valores profundos, como um “axioma cultural”, visto que os lugares de maior biodiversidade do planeta são também aqueles onde se verifica a maior quantidade de diversidade cultural. Isto porque a natureza, considerada como o centro do universo, o núcleo da cultura e a origem da identidade étnica, é tratada como sagrada e inalienável e não como mero recurso econômico (Barrera Bassols; Toledo, 2008).

As comunidades tradicionais, localizadas no mundo rural, são consideradas “tradicionais” por manterem muitos aspectos culturais seculares, principalmente a agricultura e a pesca, práticas direcionadas para sua subsistência. Ou seja, as comunidades tradicionais continuam suas práticas convencionais, que é perpassada de geração para geração, podendo assim viver a “cultura popular”, a qual se manifesta de diferentes formas nos indivíduos, mediante um conjunto de tradições, saberes, costumes e crenças, por meio dos quais expressam sua identidade.

As comunidades de Rio Acaraqui e Camurituba-Beira possuem suas especificidades e estão localizadas em diferentes áreas geográficas, estando uma localizada nas ilhas e a outra na estrada, onde desenvolvem assim suas vivências e constroem seus traços culturais. Dessa forma, percebe-se que a agroecologia e a cultura popular estão devidamente interligadas dentro das duas comunidades, de maneira que não existirá agroecologia afastada da grandeza cultural.

A religiosidade, cultura e agroecologia estão intimamente interligadas no contexto das comunidades rurais estudadas, sendo a religiosidade uma parte fundamental na construção de valores, práticas e tradições locais, embora o catolicismo seja a religião predominante, é possível observar, nessas comunidades, a presença de evangélicos e adeptos de religiões de matriz africana. O catolicismo, especificamente, está profundamente enraizado nas diversas manifestações culturais locais, abrangendo, por exemplo, danças e cantos que são parte integrante das celebrações litúrgicas e populares. Dessa forma, a influência católica não se limita ao campo religioso, mas se reflete também em diversos aspectos culturais, contribuindo para a expressão da identidade de um povo.

Nas comunidades tradicionais, a cultura popular se faz presente principalmente nas festividades católicas, que incluem a celebração de santos e santas em determinados meses do ano. Durante essas festividades, há um momento especial denominado "ramadas de frutas", no qual as famílias das comunidades colhem frutas de seus quintais agroflorestais, áreas de extrativismo e roças diversificadas. Esse evento não apenas envolve a produção local, mas também a mobilização comunitária para realizar a ornamentação com as próprias frutas no centro comunitário (barracão da comunidade), reforçando a conexão entre práticas religiosas, culturais e agroecológicas no cotidiano da comunidade. A figura abaixo ilustra as ramadas de frutas presentes nas duas comunidades estudadas, evidenciando a semelhança dessa tradição entre elas.



Figura 9 — A figura acima mostra a ramada na festividade do Rio Acaraqui e abaixo na comunidade Camurituba-Beira.



Fonte: Imagens do arquivo pessoal (2024)

Além desses, existem outros movimentos dentro da Igreja Católica que assemelham as duas comunidades. Como o movimento da Campanha da Fraternidade, que visa promover a fraternidade humana, solidariedade e a justiça social, tendo como um dos objetivos despertar a consciência de que a sociedade deve estar a serviço de todos. No ano de 2025, a Campanha busca sensibilizar as pessoas sobre a responsabilidade de cuidar do meio ambiente, trabalhando a valorização dos saberes locais. Há um outro movimento chamado de Cáritas<sup>1</sup>, presente apenas na comunidade Acaraqui que ocorre através da Paróquia<sup>2</sup> N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. Rainha da Paz-ilhas, que

<sup>1</sup> Uma organização político-religiosa que desenvolve atividades de prevenção ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes e, além disso, realiza um trabalho de parceria com o Programa Global para a construção dos protocolos de consulta das comunidades tradicionais, pautados na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

<sup>2</sup> Consiste numa instituição da Igreja Católica, coordenada pelo pároco, que organiza a vida religiosa, social e cultural de uma comunidade de fiéis.

trabalha com o social e que organiza movimentos como o Grito das Águas (figura 6), Semana da Criança, Troca de Saberes, nos quais são expostas a diversidade de culturas de frutas presentes na localidade (figura 7).

Figura 6— Ação da CÁRITAS (Grito das Águas)



Fonte: Imagem do arquivo pessoal do autor (2025)

Figura 7— Exposição de frutas da região na ação da CÁRITAS



Fonte: Imagem do arquivo pessoal do autor (2022).

Além das manifestações religiosas e organizadas, a cultura também se expressa de maneira espontânea no cotidiano das comunidades, a oralidade, por exemplo, desempenha um papel fundamental na transmissão de saberes, fortalecendo a identidade e os laços comunitários.

As histórias, lendas e casos contados pelos moradores não são movimentos organizados, mas práticas naturais que acontecem no dia a dia, seja durante o caminho para a roça, no descanso das tarefas ou em encontros informais entre as famílias.

Muitas dessas narrativas carregam ensinamentos, valores morais ou simplesmente proporcionam momentos de descontração, a fala, os conhecimentos, as crenças e as tradições são passadas de geração em geração, garantindo a continuidade dos saberes ancestrais e reforçando a convivência e a troca de experiências entre os membros da comunidade. Dessa forma, a oralidade se torna um elemento essencial na construção da memória coletiva, mantendo viva a história do povo.

A inter-relação entre a natureza, o trabalho, a religiosidade e a oralidade demonstram que a cultura popular nesses territórios vai além de práticas isoladas, representando um modo de vida que integra diferentes dimensões da existência comunitária.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostrou que as comunidades Rio Acaraqui e Camurituba-Beira possuem uma cultura popular fortemente ligada à natureza, à religiosidade e ao modo de vida rural. Apesar de uma ser quilombola e a outra não, ambas compartilham tradições que fortalecem sua identidade e mantêm vivos os saberes ancestrais. Em Acaraqui, há uma forte valorização da identidade quilombola, expressa em danças, músicas, técnicas de produção e projetos como os promovidos pela Cáritas. Já em Camurituba-Beira, a organização da comunidade se dá por meio da associação de moradores e outras iniciativas locais.

Mesmo com essas particularidades, as duas comunidades têm muito em comum, a cultura e o território estão interligados não só no trabalho da roça, mas também nas festividades, nos rituais e na vida em comunidade, a religiosidade católica é um ponto de conexão importante, pois está presente nas festas, nas ramadas de frutas e na Campanha da Fraternidade, que busca fortalecer a solidariedade e a justiça social.

Outro aspecto essencial é a oralidade, que passa de geração em geração por meio de histórias, lendas e conversas do dia a dia, garantindo que os conhecimentos e as memórias da comunidade não se percam, essa troca de saberes reforça os laços entre as pessoas e mantém viva a cultura local.

Assim, fica claro que, mais do que diferenças, essas comunidades compartilham vivências que as aproximam e as fortalecem. A agroecologia se faz presente nelas porque está diretamente ligada aos modos de vida tradicionais. Os saberes passados por indígenas, ribeirinhos e quilombolas mostram que a agroecologia não é algo novo, mas sim uma prática que sempre esteve presente nessas comunidades, garantindo não só a produção de alimentos, mas também a preservação do meio ambiente e da cultura popular.



## REFERÊNCIAS

- ALTIERI, M. A. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. ISBN 85-7025-538-1. Disponível em: [Agroecologia - Altieri 5.ed.indd](#). Acesso em: 13 de março de 2025.
- BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 308-345: Cultura brasileira e culturas brasileiras. Disponível em: [file:///C:/Users/suzan/Downloads/BOSI,%20Alfredo%20-%20Cultura%20Brasileira%20e%20Culturas%20Brasileiras.pdf](#). Acesso em: 21 de março de 2025.
- CABRAL, C. M.; H., D. G.; VARA, I. Diálogos e convergências entre a agroecologia e a cultura popular camponesa para a transição agroecológica brasileira. *RBA*, v. 14, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33240/rba.v14i2.23064>. Acesso em: 21 de março de 2025.
- CAMPAGNOLLA, Clayton; MACÊDO, Manoel Moacir Costa. Revolução Verde: passado e desafios atuais. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. e26952, 2022. DOI: 10.35977/0104-1096.cct2022.v39.26952. Disponível em: <https://apct.sede.embrapa.br/cct/article/view/26952>. Acesso em: 21 de março de 2025.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. E. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas de base ecológica**. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2004. 13 de março de 2025.
- DELGADO, G.C. **Do capital financeiro na agricultura à economia do agronegócio: mudanças cíclicas em meio século (1965-2012)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.
- GLIESSMAN, S. R. **Agroecology: the ecology of sustainable food systems**. 2. ed. Boca Raton: CRC Press, 2007. Disponível em: [https://libcat.kyu.ac.ug/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=3826&shelfbrowse\\_itemnumber=74980#shelfbrowser](https://libcat.kyu.ac.ug/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=3826&shelfbrowse_itemnumber=74980#shelfbrowser). 13 de março de 2025.
- GOMES, J. C. C. Bases epistemológicas da Agroecologia. In: AQUINO, A. M. de; ASSIS, R. L. de. (org.). **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2005. Disponível em: <https://livimagens.sct.embrapa.br/amostras/00076790.pdf>.
- MACIVER, R. M.; PAGE, C. H. **Sociedade: uma introdução à sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução do francês Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2006. Disponível em: [https://www.academia.edu/2466358/Introdu%C3%A7%C3%A3o\\_ao\\_pensamento\\_complex](https://www.academia.edu/2466358/Introdu%C3%A7%C3%A3o_ao_pensamento_complex). 13 de março de 2025.

PETERSEN, P.; LUCIANO, M. S.; GABRIEL, B. F.; SILVIO, G. A.; ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA (Brasil). **Método de análise econômico-ecológica de agroecossistemas**. 1. ed. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2017. Disponível em: [https://agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2017/03/2-livro\\_METODO-DE-ANALISE-DE-AGROECOSSISTEMAS\\_web.pdf](https://agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2017/03/2-livro_METODO-DE-ANALISE-DE-AGROECOSSISTEMAS_web.pdf). Acesso em: 13 de fevereiro de 2025.

COTT, J. C.; MENEZES, M. A. de; GUERRA, L. Formas cotidianas da resistência camponesa. *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas*, v. 21, n. 1, p. 10–31, 2002. Disponível em: <https://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/175>. Acesso em: 1 mar. 2025.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. **Agroecología y desarrollo rural sustentable**. Madrid: Icaria, 2002.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **La memoria biocultural: la importancia ecológica de las sabidurías tradicionales**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/gaia/article/view/18012>. Acesso em: 9 set. 2024.

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/232612>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2025.

WEZEL, A.; BELLON, S.; DORÉ, F.; VALOD, D.; DAVID, C. Agroecologia como ciência, movimento e prática: uma revisão. *Agron. Sustain. Dev.*, v. 29, p. 503–515, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1051/agro/2009004>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2025.

# APÊNDICE A – COLHEITA DA MANDIOCA E PREPARAÇÃO DA FARINHA



**APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E GRAVAÇÃO**

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO  
Rua Manoel de Abreu, s/n, Bairro: Mutirão, CEP: 68.440-000 FONE/FAX: (91)3751-  
1131/3751-1107  
Abaetetuba – Pará**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, \_\_\_\_\_, brasileiro(a),  
estado civil \_\_\_\_\_, telefone \_\_\_\_\_, residente no  
endereço \_\_\_\_\_,  
cidade de \_\_\_\_\_/Pará, AUTORIZO a gravação, o registro e o uso de minha  
imagem (e da minha família) durante as atividades de pesquisa de campo para o Trabalho de Curso  
do curso de Tecnologia em Agroecologia da Universidade Federal do Pará - Campus Abaetetuba, a  
ser realizado no período de 11 a 20/01/2025, sem qualquer ônus. A presente autorização abrangendo  
o uso da minha imagem na gravação e/ou registro acima mencionados é concedida as discentes do  
referido curso, abaixo discriminados:

Adriele da Silva dos Santos  
Suzane da Silva e Silva

As imagens capturadas poderão ser utilizadas em relatórios de pesquisa e trabalhos acadêmicos de abrangência nacional e internacional, bem como apresentadas em eventos científicos. Por esta ser a expressão da minha vontade, DECLARO QUE AUTORIZO os usos acima descritos, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ora autorizada ou a qualquer outro, assinando o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

Abaetetuba-PA, \_\_\_\_ de janeiro de 2025.

\_\_\_\_\_  
Assinatura



### APÊNDICE C – PLANTIO E COLHEITA



**ANEXO A – CARTAZ DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE**

